



ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**LISIANE OURIQUES DA SILVA**

**IMPLICAÇÕES DA ARTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Recanto Maestro-Restinga Sêca  
2021

**LISIANE OURIQUES DA SILVA**

**IMPLICAÇÕES DA ARTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia,  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de LICENCIADA em  
Pedagogia Antonio Meneghetti Faculdade-AMF.

Orientador: Prof. Dra. Rejane Cavalheiro

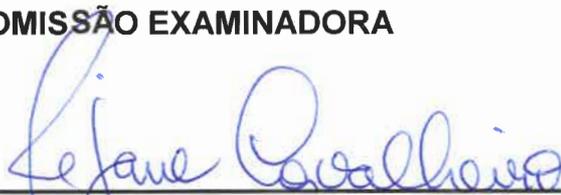
Recanto Maestro-Restinga Sêca  
2021

LISIANE OURIQUES DA SILVA

**Implicações da Arte no Processo de Alfabetização**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia,  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de LICENCIADA em  
Pedagogia Antonio Meneghetti Faculdade-AMF.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Rejane Cavalheiro  
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso  
Faculdade Antonio Meneghetti



---

Profa. Dra. Estela Maris Giordani  
Membro da Banca Examinadora  
Instituição AMF



---

Profa. Dra. Vivien Kieling Cardonetti  
Membro da Banca Examinadora  
Instituição AMF

Recanto Maestro, 14 de agosto de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar à Deus, pela minha vida, pelos cuidados, pelo fortalecimento e, principalmente por conseguir alcançar objetivos e vencer obstáculos durante esses anos de estudo.

À Deus pela minha saúde e determinação para não desistir durante a construção deste trabalho.

Agradeço aos meus familiares pela acolhida durante este processo de estudo. Gratidão pela compreensão em momentos difíceis durante a realização deste trabalho.

Aos professores pela oportunidade oferecida com ensinamentos que permitiram um crescimento e amadurecimento com desempenho e persistência durante o processo de formação profissional.

À orientadora do meu TCC, pela dedicação, paciência, orientação. Gratidão pelos momentos que enfrentamos com persistência e compreensão.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar à Deus, que tornou esta caminhada possível e me deu forças para vencer as dificuldades.

À meus pais, por estarem ao meu lado em momentos tão importantes de minha vida.

Aos professores por oferecerem momentos preciosos e gratificantes.

À minha orientadora pelo apoio, e dedicação contemplando a minha aprendizagem.

Dedico também a Instituição Antonio Meneghetti Faculdade por proporcionar momentos de crescimento e realização pessoal.

A todos e todas o meu muito obrigada!

## RESUMO

O Escopo da pesquisa é compreender como a arte está presente na alfabetização. Tem como objetivo geral Investigar quais as implicações que existem entre arte e alfabetização. Para uma abordagem mais simplificada ao nosso entendimento, destacamos em cinco subtópicos, a intenção de fundamentar teoricamente o tema. São eles: 1. Alfabetização; 2. A Arte na Alfabetização; 3. A Arte na alfabetização: um exemplo em Reggio Emília; 4. A Alfabetização, a Arte e a BNCC; 5. A OntoArte como fundamento de compreensão do processo alfabetizatório. A alfabetização começa muito antes da criança ter acesso a escola, ela aprende dentro de seu mundo particular, trazendo consigo uma bagagem familiar independente de ser correto ou não. Através de imagens, perspectivas, sem muito sentido, mas com muita imaginação e criatividade a criança consegue se expressar, pois o que ela mais gosta de fazer é brincar, pular, desenhar, riscar, cantar, dançar, possibilitando uma transparência do que está pensando. A arte é considerada um instrumento, um meio de comunicação e expressão, assim como a letra ou as sílabas, imagens com formas ainda indefinidas podem comunicar as sensações e o pensamento. Utilizamos as concepções que encontramos nos escritos de Derdyk (2015), Pillar (1996), Soares (2020), Ferreiro e Teberosky (1999) bem como em Meneghetti (2003, 2010, 2012, 2014, 2018), entre outros, para considerar a alfabetização como um processo de transformação. Onde é possível utilizar a arte como ponte de interações a partir de desenhos, traços, manchas, recorte e colagens, montagens e representações de várias ordens antes mesmo da criança conhecer a escrita e se alfabetizar propriamente dito. Dessa forma, um traço, uma linha, um símbolo que seja, pode ser identificado como uma letra ou uma palavra que faz sentido num processo que junta a teoria com a prática, estimulando o início de uma aprendizagem com a coerência de entendimento e interpretação, que resultará significativamente na aquisição da língua escrita.

**Palavras-chave:** Artes; Alfabetização; Processo.

## ABSTRACT

The scope of research is to understand how art is present in literacy. Its general objective is to investigate what implications exist between art and literacy. For a more simplified approach to our understanding, we highlight in five subtopics the intention of theoretically basing the theme. They are: 1. Literacy; 2nd. Art in Literacy; 3rd. Art in literacy: an example in Reggio Emilia; 4th. Literacy, Art and BNCC; 5th. The ontoarte as a foundation for understanding the literacy process. Literacy begins long before the child has access to school, she learns within her private world, bringing with her family baggage regardless of whether it is correct or not. Through images, perspectives, without much sense, but with much imagination and creativity the child can express himself, because what he likes to do most is play, jump, draw, scratch, sing, dance, enabling a transparency of what he is thinking. Art is considered an instrument, a means of communication and expression, as well as the letter or syllables, images with still undefined forms can communicate sensations and thought. We use the conceptions found in the writings of Derdyk (2015), Pillar (1996), Soares (2020), Ferreiro e Teberosky (1999) as well as Meneghetti (2003, 2010, 2012, 2014, 2018), among others, to consider literacy as a process of transformation. Where it is possible to use art as a bridge of interactions from drawings, strokes, stains, clipping and collages, montages and representations of various orders even before the child knows the writing and literacy itself. Thus, a trait, a line, a symbol that is, can be identified as a letter or a word that makes sense in a process that joins theory with practice, stimulating the beginning of a learning with the coherence of understanding and interpretation, which will result significantly in the acquisition of written language.

**Keywords:** Arts; Literacy; It's a process.

## SUMÁRIO

1 Introdução.....	10
1.1 Objetivo.....	11
2 Fundamentação Teórica.....	12
2.1 Alfabetização .....	12
2.2 A arte na alfabetização .....	16
2.3 A Arte na alfabetização: um exemplo em Reggio Emília.....	18
2.4 A alfabetização, a arte e a BNCC .....	20
2.5 A OntoArte como fundamento de compreensão do processo alfabetizatório .....	22
3 Metodologia.....	23
4 Resultados e Discussão.....	24
5 Considerações Finais.....	27
Referências.....	30

**As cem estão lá**

*A criança  
é feita de cem.  
A criança tem  
cem linguagens  
e cem mãos  
cem pensamentos  
cem maneiras de pensar  
de brincar e de falar.  
Cem e sempre cem  
modos de escutar  
de se maravilhar, de amar  
cem alegrias  
para cantar e compreender  
cem mundos  
para descobrir  
cem mundos  
para inventar  
cem mundos  
para sonhar  
a criança tem  
cem linguagens  
(mais cem, cem e cem)  
mas roubam-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura  
lhe separam a cabeça do corpo.  
Dizem à criança:  
de pensar sem as mãos  
de fazer sem a cabeça  
de escutar e não falar  
de compreender sem alegria  
de amar e maravilhar-se  
só na páscoa e no natal.  
Dizem à criança:  
de descobrir o mundo que já  
existe  
e de cem  
roubam-lhe noventa e nove.  
Dizem à criança:  
que o jogo e o trabalho,  
a realidade e a fantasia,  
a ciência e a imaginação  
o céu e a terra,  
a razão e o sonho  
são coisas  
que não estão juntas.  
E assim dizem à criança  
que as cem não existem.  
A criança diz:  
de jeito nenhum. As cem existem.*

Loris Malaguzzi  
(traduzido por Lella Gandini, 2016)

## 1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é arte e alfabetização. Tem como questão norteadora, discutir a implicação das relações de aprendizagem nessa interação.

Através de imagens, perspectivas, sem muito sentido, mas com muita imaginação, a criança consegue expressar-se. Assim como o brincar, o pular, o desenhar, o riscar, o cantar, o dançar entre outras expressões, possibilitam uma aprendizagem transparente, pois a arte é considerada um instrumento, um meio de comunicação, assim como o são as imagens, os sons, os movimentos, também as letras e as sílabas.

Para que a criança qualifique suas apropriações a respeito do mundo, é preciso que ela vivencie experiências acessíveis e variadas por caminhos igualmente diferenciados.

Na educação infantil, por exemplo, ao usar cores produzindo borrões, manchas e traçados com liberdade e sem regras, a criança consegue construir um processo no qual pode ir se apropriando daquilo que já é capaz de fazer a partir das sensações e sentimentos até chegar a produzir traçados intencionais.

O escopo desse trabalho é buscar discutir sobre o caminho a ser percorrido para que a alfabetização se dê e, se há contribuição da arte a partir de situações vivenciadas para que ela aconteça.

Criar e reinventar através da exploração de jogos, brincadeiras, leituras, entre outras interações na perspectiva lúdica é um meio de apropriar-se do concreto, do verdadeiro, do real. A partir dos escritos de Derdyk, (2015), é o movimento de representar através de contornos bem definidos, músicas, danças, usando o lápis, a tinta bem como somente as próprias mãos, que a criança constrói e desconstrói imagens e expressões, apropriando-se do próprio objeto do conhecimento desejado.

Podemos dizer que o desenho é uma linguagem, uma técnica, um instrumento com capacidade de alcance e extensão como um meio de comunicação e expressão. Para Derdyk (2015), criança possui intimidade com o desenho e através dele se expressa, se comunica com o mundo ao seu redor. (p.33)

Ainda em Derdyk (2015, p. 38) encontramos a afirmação de que é através da arte que a criança se expressa com gestos, traços, movimentos. O desenhar é conhecer-se, é apropriar-se. A linha revela uma forma de expressar-se e são possibilidades expressivas que podem revelar nossa percepção.

Já em Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), encontramos a mesma afirmação sob outra perspectiva mas que igualmente reforça a importância da arte como parte do processo de alfabetização. Assim como a arte, a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior a escola e não termina ao finalizar igualmente o período da escola primária.

Resultante das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999), a criança constrói e reconstrói o conhecimento sobre a língua escrita, através das hipóteses que formula. (p. 47). A partir dessa afirmação podemos compreender que essa mesma criança que constrói e reconstrói a própria aprendizagem, utiliza como instrumento para essa construção e desconstrução, a interação com todas as expressões de arte. Entendemos que o intento de ver esse processo alfabetizatório se desenvolver é não abrir mão dos usos e recursos que inserem a arte como fundamental pela complexidade que a mesma representa. A seguir, apresentamos o Objetivo que direciona esse estudo no intuito de logo após, fundamentá-lo teoricamente.

## 1.1 OBJETIVO

- ❖ Compreender quais as implicações da arte no processo de alfabetização.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para uma abordagem mais simplificada ao nosso entendimento, destacamos em cinco subtópicos, a intenção de fundamentar teoricamente o tema. São os seguintes:

- 2.1 Alfabetização
- 2.2 A Arte na Alfabetização
- 2.3 A Arte na alfabetização: um exemplo em Reggio Emília
- 2.4 A Alfabetização, a Arte e a BNCC
- 2.5 A OntoArte como fundamento de compreensão do processo alfabetizatório

### 2.1 ALFABETIZAÇÃO

Iniciação no uso do sistema ortográfico ou ato de propagar o ensino das primeiras letras.<sup>1</sup>

É um processo de aquisição de habilidades, responsável pelo desenvolvimento sócio cognitivo, sócio econômico, com capacidade de conscientização e da reflexão com base de mudança social e pessoal.

De certa forma podemos dizer que aprendizagem da língua materna tanto oral quanto escrita é um processo permanente, com marcas e apropriações infinitamente absorvidas através de um processo e de um desenvolvimento específico através de códigos e habilidades de leitura e escrita.

Segundo Ferreiro e Teberosky,

a alfabetização não é uma forma ou um estado ao qual se pensa chegar mas um grande processo que tem início em casa.(...) a criança já tráz consigo uma certa bagagem de conhecimentos, e não tem fim, é sempre um aprendizado contínuo. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 47).

Nessa linha de pensamento, podemos entender que, a alfabetização não é sobre o como se deve ensinar e sim, de fato como se aprende. Para Ferreiro e Teberosky a alfabetização é de natureza conceitual.

---

<sup>1</sup> Dicionário Houaiss e Villar (2001) *in* biblioteca.ajes.edu.br>arquivos>monografia

Podemos dizer que uma das principais contribuições das autoras foi considerarem o entorno de vida da criança, seu ambiente alfabetizador onde a escrita e a leitura estão presentes no dia a dia do mundo da criança como fundamentais para a qualidade do processo de apropriação da linguagem escrita. A arte inclui esse ambiente alfabetizador e precisa ser incluída nas considerações daquele que se propõe a reconhecer e até mesmo criar ambientes de aprendizagem.

A Psicogênese da língua escrita propõe ideias que partem da análise dos métodos tradicionais, inovando ao identificar uma constância que chamaram de hipóteses de construção da linguagem escrita. As crianças, independente de sua posição econômica, regional e nacionalidade, a partir de suas interações com o lúdico, apresentam entre si uma lógica própria de análise das questões encontradas para representar por escrito, o desejado.

Muito antes da leitura da palavra escrita a criança realiza a leitura da imagem. É capaz de ler uma história reunindo dados captados de uma contação por outra pessoa e a mensagem transmitida pelos elementos da imagem mediando também com dados inventados.

Os trabalhos de Piaget não passam pela memorização com prioridade na repetição e nem por atividades mecânicas de reprodução. Segundo seus escritos, as crianças não esperam paradas para receber instruções de alguém, seja ele um professor, um familiar ou ainda um companheiro de brincadeira para classificar e ordenar elementos de uma maneira diferente daquela que usaria como certo, fazer.

A partir dos estudos de Piaget, os autores Ferreiro e Teberosky (1999, p.31) afirmam que é possível introduzir a escrita enquanto o objeto de conhecimento e o sujeito da aprendizagem, enquanto sujeito cognocente, ou seja, aquele que busca conhecimento, passa a saber, toma conhecimento, se interessa.

Sobre a utilização dos pressupostos de arte no processo de alfabetização, não significa que a mesma dará garantia que se realize. Isso porque a partir do que encontramos em Ferreiro e Teberosky (1999) lemos o que segue:

O processo de aprendizagem do sujeito não depende dos métodos (passa “através” dos métodos). O método ( enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar; porém , não pode criar aprendizagem. (...) A obtenção de conhecimento é o resultado da própria atividade do sujeito. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.31)

O primeiro ano primário na escola era considerado ano instrumental. Nesse processo a criança deveria adquirir instrumentos para obter outros conhecimentos. (FERREIRO; TEBEROSKY ,1999, p. 30)

Sabemos que somente com a reestruturação, poderíamos estar juntando conhecimentos a partir de elementos que constituem um todo dependentes da compreensão pós experiências com este objeto do conhecimento. O que inclui os erros de interpretação e compreensão. Para Piaget o erro faz parte do processo de aprendizagem. É importante o vivenciar o erro para perceber a diferença entre eles no intuito de encontrar a resposta certa. Na teoria de Piaget o objeto aparece ligado na possibilidade de reconstrução deste mesmo objeto.

A partir de Magda Soares (2020), alfabetização é um processo de representação de fonemas e grafemas, e vice versa. Mas é também um processo de compreensão/ expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria uma pessoa alfabetizada apenas lendo sílabas ou palavras isoladas como também uma pessoa incapaz de usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua ao expressar-se por escrito.

Através de comportamentos e práticas da leitura e da escrita, foram sendo adquiridas atividades dentro de práticas sociais com grande importância e visibilidade, tornando-se cada vez mais centradas e dependentes do ensino tradicional que revelaram a insuficiência de alfabetizar.

Nas palavras de Soares (2020), Alfabetização não é apenas aprender a ler e a escrever. Alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar (...). (p. 63). E, assim descreve o movimento que define como busca de uma alfabetização ao longo do tempo.

A meta sempre foi a aprendizagem do sistema alfabético e ortográfico da escrita, embora se possa identificar, na segunda opção, uma preocupação no sentido veiculado pelo código, seja no nível de texto (método global), e também no nível da palavra ou da sentença (método da palavração, método da sentencição). Estes

textos, palavras, sentenças são postos a serviço da aprendizagem do sistema de escrita. São selecionadas palavras para servir a decomposição em sílabas e fonemas, sentenças e textos são artificialmente construídos (...) para explicar sua construção em palavras, sílabas, e fonemas. (SOARES, 2020, p. 65).

Podemos afirmar, a partir do que encontramos em Soares (2020), que a importância no processo de conceitualização da língua escrita pela criança, bem como a importância da interação como movimento de aprendizagem, se constituem como formas de provocar e motivar uma prática escolar.

Processos de compreensão da escrita pela criança, enfatizam o sistema direto e explícito do sistema de escrita, sendo uma teoria psicológica e não pedagógica. Através de uma metodologia de ensino a criança constrói uma relação entre a fala e a escrita, de forma incidental (imprevisível) e assistemática com uma variada interação com inúmeras práticas de leitura e de escrita, através de atividades de letramento, predominando sempre atividades de alfabetização. (SOARES, 2020, p. 66)

O ensino e a aprendizagem do sistema de escrita tem como objeto o envolvimento da criança com a escrita, através de diferentes portadores e variados tipos e gêneros de textos. O caminho para o ensino e a aprendizagem é articulação de conhecimentos e metodologias, fundamentadas em diferentes práticas docentes, interagindo com aquisição do sistema de escrita favorecida com ensino direto, explícito e ordenado, compreendido como processo de alfabetização, com desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso da língua escrita com práticas sociais de leitura e de escrita.

A aprendizagem da língua consiste em observar que existem regras, no entanto, mesmo antes das observações se darem explicitamente, é preciso que destaquemos que a comunicação sem elas, as ditas regras, existe.

A língua escrita é uma reaprendizagem da linguagem oral.

Aprende-se como falar de forma correta, com boa articulação, e isso estará explícito na evidência de produção escrita. Para escrever de forma correta é preciso pronunciar as palavras corretamente. Não fazê-lo, igualmente não impede que o sujeito construa seu processo alfabetizatório.

A partir do que se sabe como resultante das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999), é através da fala que a criança aprende a produzir o som e

isso realizado de forma inadequada, ou seja, se fonologicamente não forem diferenciáveis, não é possível escrever nenhum sistema alfabético. (p.27)

Sabemos que uma criança geralmente chega a escola acompanhada de seus saberes e conhecimentos adquiridos através da sua língua materna, um saber linguístico que usa “sem saber” inconscientemente nos seus atos de comunicação cotidiana. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.27)

## 2.2 A ARTE NA ALFABETIZAÇÃO

A ideia de pesquisar o tema surgiu de uma aula de artes onde tínhamos que pesquisar um museu ao redor do mundo de forma virtual. Chamou-me atenção o Museu de Artes de São Paulo – MASP, pela beleza das formas, modelos e estilos variados de trabalho que lá estão expostos.

Prosseguindo na pesquisa *on-line* de outros espaços de arte encontrei Helena Almeida Goih. Uma artista plástica portuguesa que iniciou sua carreira no final da década de 1960. Seu estilo de pintura dava preferência pelo uso do azul em suas obras monocromáticas.

Conhecer essa artista plástica me reportou ao processo de apropriação da linguagem escrita que a criança percorre e que, entre uma infinidade de experimentos, podemos destacar a exploração desconexa de formas, cores e variados materiais de exploração. Concordamos com Derdyk (2015, p.63) quando encontramos em seus escritos a seguinte afirmação.

O desenho é indecifrável para nós, mas, provavelmente para a criança, naquele instante qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas. (...)A criança é um ser ativo: age impulsivamente(...). A repetição de um gesto jamais desencadeia o mesmo resultado(...) o trabalho é essencialmente energético, não possui nenhum compromisso com a figuração.

Considerando a alfabetização como um processo de transformação, assim como as manchas observadas inicialmente nas telas da artista plástica, a interação com a mesma pode transformá-la em uma representação com significado. Assim como ao interagir com o mundo das letras, a criança não reconhecer o que significam, ao longo do processo de interações, o que era sem sentido vai ficando mais claro, enfim, significativo.

É possível utilizar a arte como ponte de interações a partir de desenhos, traços, manchas, recortes e colagens, montagens e representações de várias ordens antes mesmo da criança conhecer a escrita e se alfabetizar.

A partir do que encontramos em Derdyk (2015), tal como o instrumento é o prolongamento da mão, o mundo é o prolongamento do corpo. A relação física e sensorial que a criança estabelece com o desenho possibilita a experiência com novas realidades. (p.67)

Dessa forma, um traço, uma linha, um símbolo, pode ser identificado como uma letra ou uma palavra fazendo sentido a um processo que junta a teoria com a prática, estimulando o início de uma aprendizagem com a coerência de entendimento e interpretação. Ao fazer sentido na aquisição da língua oral de uma criança por interagir falando daquela forma simples que ela entende, ao mesmo tempo estará compreendendo que nenhum conjunto de elementos, sejam eles palavras, comportamentos entre outras relações, se constituem numa linguagem sem regras, sem elementos. É importante e necessário observar que existem regras para uma aprendizagem, uma evolução. (DERDYK, 2015) No processo de interação com a língua escrita a criança também percebe essa ligação.

A criatividade traz à tona gestos e formas que a criança manifesta muitas vezes sem consciência, sem intenção. Uma linguagem infantil enfrenta no seu dia a dia elementos que buscam na língua oral o sentido, a coerência para distinguir a diferença entre o verbo e sua concordância, o tempo da ação, pronomes pessoais relacionados, e uma infinidades de conectores entre outras formas de compreender a lógica daquele que fala e a lógica que aquele que escuta constrói para dar seguimento ao processo dialógico.

Segundo Derdyk (2015, p.32)

A criança, enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.

O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica é um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. As manifestações não se restringem somente ao uso do lápis e papel.

A escrita é uma forma de comunicar, um meio de expressar o pensamento, partindo de uma linguagem própria, percorrendo um processo implícito na formação do conhecimento onde é necessário passar por etapas de apropriação da língua escrita.

Consideramos que a interação através da arte, assim como a apropriação da linguagem escrita, é uma comunhão dos atos de pensar, desenvolver, sentir, agir, identificar, enfim, uma construção dentro de um campo semântico<sup>2</sup>.

### 2.3 A ARTE NA ALFABETIZAÇÃO: UM EXEMPLO EM REGGIO EMÍLIA

As escolas são locais culturais de proporção infinita, com um grande manancial de criatividade. A criação da aprendizagem entre crianças e adultos, desde as creches e pré escolas em Reggio Emília evidenciam que é possível comprovar essa compreensão coletiva da aprendizagem.

Os ateliers são espaços de exploração pela pesquisa e criação que existem nas escolas Reggio Emília.

Reggio Emília é uma pequena cidade ao norte da Itália e que ficou famosa porque após o término da II Guerra Mundial fundou uma escola que leva o seu nome e que foi pensada para acolher crianças órfãs e também aquelas que eram oriundas de famílias muito pobres. Em conjunto com a comunidade da pequena cidade, um professor morador de uma cidade vizinha, chamado Loris Mallaguzzi traz à tona a discussão sobre a importância da criatividade desenvolvida na educação destacando práticas lúdicas contidas em toda a expressão artística. De lá para cá, o trabalho passou a ser conhecido mundialmente se consolidando numa proposta de desenvolvimento da aprendizagem alfabetizatória da palavra escrita e da vida como um todo.

---

<sup>2</sup> Destacamos a intenção de compreendermos o termo “Campo Semântico” a partir da definição encontrada no Dicionário de Ontopsicologia, (MENEGHETTI, 2012, p. 38 e p.42) que diz: Por campo semântico entende-se o operativo que está sob as zonas de linguagem e sentido da esfera linguística (língua, palavras, gramática, sintaxe, cultura, moral, estereótipos etc.) (...) Campo semântico é a informação que nós podemos identificar tão logo se determinam duas realidades em proximidade entre si. Tudo isso advém independentemente da nossa vontade ou consciência, porque é a natureza que formula o recíproco conhecimento.

A partir do que encontramos nos registros do cotidiano de Reggio Emilia no relato de professores e organizadores da obra “As cem linguagens da criança” vol 1 e 2 (2016), o ambiente escolar, creches, pré-escolas Reggio Emilia são positivamente influenciadas pela presença do atelier. Os professores buscam provocar a criatividade das crianças dentro de suas próprias convivências de vida familiar em busca de significado para si e para os outros.

Os educadores de Reggio Emilia, pensando nas aprendizagens a partir da arte, buscam descrever ambientes físicos emocionais e cognitivos onde prestam atenção nos momentos cotidianos. Uma união que molda e qualifica a vida humana ao longo do tempo, ou seja, momentos que moldam e qualificam as creches, e as pré-escolas, elaborando jornadas que possam reunir e trabalhar com crianças e famílias em uma sequência de dias e de anos.

Os programas infantis são positivos no sentido de informarem que as crianças conseguem transpor e expressar com naturalidade suas emoções. Cada linguagem é composta de racionalidade e imaginação, todas as línguas e não só a arte.

Podemos dizer que a prática das escolas Reggio Emilia tem como significado de união das coisas, formas de pensar, processos de aprendizagem, imaginação, cognição e racionalidade. O entendimento que um processo de aprendizagem sem essa compreensão, ficará empobrecido porque uma cultura educacional que separa as disciplinas perde muito o significado de cada uma. A experiência estética é a liberdade de pensamento.

A partir do que encontramos no relato de Rinaldi que é professora na escola há mais de trinta anos e uma das organizadoras da obra citada, a teoria das cem linguagens está sempre em construção. Suas conexões, pluralidades, a arte do conhecimento, diferenças e expressões, podem dar início a novas perspectivas. Assim “podemos ver a arte, não como disciplina, mas como uma parte integradora da experiência de aprendizagem” (p. 298), dessa forma os educadores tem acesso a novas potencialidades de fortalecimento da experiências dentro das escolas infantis.

Sobre o que encontramos na narrativa oferecida no livro As Cem Linguagens por Rinaldi (2016), destacamos o que segue:

A capacidade de pensar, criar, e projetar a familiaridade pela equipe da Reggio Emília com a literatura, história, e contemporânea artística científica e, com isso, profissionais da Educação Infantil terão mais embasamento para visão das crianças, das famílias, e dos educadores, quanto mais incorporar as disposições e atitudes da Reggio Emília em vez de técnicas e exemplos. (...) a beleza nos proporciona aprendizagem. Dentro de pensamentos difíceis moram o prazer, a harmonia e o equilíbrio que recompensam e sustentam a experiência humana. (RINALDI, 2019, p.299)

Para Ferreiro e Teberosky (1999), quanto mais implicado o sistema da escrita estiver, mais qualificada será a ligação som – letra, com os princípios alfabéticos. Isso significa que a fala e a ortografia em que a grafia coincide com a pronúncia ficam intimamente relacionadas na compreensão da criança. (p.22)

A partir do que encontramos em Pillar (1988) sobre a interação com a arte, o desenho possibilita à criança, criar, expressar e construir em um contexto de representações, um espaço em relação aos meios e a expressão do próprio eu da criança, onde a identificação, seleção e organização das suas ações no plano da representação mental, desenvolvem o grafismo.

O professor precisa criar situações estimulando a criança a observar e ver as situações com outros olhos, desafiando-a a fazer uma leitura das percepções dos colegas e de si mesma, provocando a sensibilidade e a imaginação do aluno.

A partir do que encontramos em Derdyk (2015) é possível afirmarmos que através das artes existe uma forma infinita de expressar ideias, emoções e sentimentos, com equilíbrio de valores, harmonia e respeito. A arte inclui a música, a dança, a escultura, a pintura, todas em uma linguagem diretamente ligadas às emoções e sensações do indivíduo. A arte não se baseia na representação da realidade, mas uma criação do próprio indivíduo que o produz assim como o processo de alfabetização que é também pessoal, construído em seu caminho por cada uma das crianças

#### 2.4 A ALFABETIZAÇÃO, A ARTE E A BNCC

A Base Comum Curricular (BNCC) é um documento de referência para a formulação dos currículos escolares de todo o Brasil. Sua função é definir o

que deve ser ensinado nas instituições de Ensino Básico de modo a garantir o desenvolvimento das aprendizagens essenciais, ou seja, alinhar as propostas pedagógicas no país. A BNCC (BRASIL, 2018) propõe o aprendizado por meio do desenvolvimento de competências e habilidades. Entre elas, destacamos as habilidades socioemocionais como transversais ao desenvolvimento da formação integral dos estudantes numa perspectiva de desenvolver cidadãos no século XXI. O documento prevê que:

(...)Nos dois primeiros anos do Ensino fundamental a ação pedagógica precisa ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento entre práticas diversificadas de letramento desde a Educação Infantil. Parecer CNE/CEB nº 11/2010. Ao terceiro ano reserva-se a consolidação dessas apropriações, as práticas de consolidação desse processo alfabetizatório. (BRASIL, 2018)

Segundo a BNCC, no processo de alfabetização, o aluno deve ter alcançado habilidades como compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas como oralidade, leitura e escrita.

A BNCC trata também sobre as artes. A Arte tem como pressuposto que a sensibilidade, a intuição, o pensamento e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem.

Por arte, entende-se que são todas as formas de expressar as diferentes linguagens artísticas. Entre elas encontramos descritos no texto da BNCC as visuais, a dança, a música e o teatro. Aqui, incluímos as experiências e vivências dos sujeitos que se não fossem as interações com a arte, não se dariam de forma isoladas, soltas. Estariam descontextualizadas e por isso, sem significado. A exploração entre as diferentes linguagens pode integrar e qualificar diferentes aprendizagens. Ao processo de alfabetização esses são pontos imprescindíveis.

## 2.5 A ONTOARTE COMO FUNDAMENTO DE COMPREENSÃO DO PROCESSO ALFABETIZATÓRIO

Numa compilação de escritos por Meneghetti (2010), destacamos o seguinte em relação ao significado da utilização da arte num processo de construção e aquisição pessoal de um conhecimento como é, no nosso caso, a alfabetização.

A OntoArte não tem um fim terapêutico ou de aprendizagem técnica: o seu intento é elucidar o sentido interno do prazer estético. O discurso, a motivação, a necessidade da Ontopsicologia são exatamente essa revelação da existência de cada homem como OntoArte existencial. (MENEGETTI, 2010, p. 467)  
OntoArte é fazer a consciência e a vontade do sujeito coincidirem (...)  
(...) Não se ensinam “ideias fixas externas”, mas se educa a pessoa com potencialidade artística a concretizar ou “inventar” a melhor relação de harmonia estética (...)  
(...) A constante presença desse exercício artístico, ou exercício do “belo estético”, não é somente uma escolha, mas é sobretudo uma necessidade intrínseca da nossa natureza (...) (MENEGETTI, 2010, p. 468).

Numa transposição ao que acontece no processo de alfabetização, é possível dizermos que a OntoArte inclui o uso e a interação com formas e meios variados e diferenciados entre cada pessoa para promover seu desenvolvimento. A aprendizagem de cada sujeito utiliza a arte, a cor para trazer à tona a inspiração que contemple experiências pessoais e beleza de algo que faça sentido de dentro para fora.

A OntoArte é fazer transcender aquilo que está oculto através da consciência, concordando e combinando com formas artísticas, traços, cores, fazendo da arte uma prazerosa forma de criar beleza.

O exercício do belo acontece a partir do íntimo de cada pessoa, um processo particular onde não depende apenas do querer, do seu eu, podemos dizer que é da essência de cada sujeito. É o que se refere a cada um ter seu próprio tempo para aprender. Cada um ter seu próprio ritmo para se apropriar da linguagem escrita e da leitura. Cada um percorrer seu próprio processo de alfabetizar-se.

### 3. METODOLOGIA

Apresentamos o estudo sob a perspectiva de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, elaborada a partir do que encontramos em autores que abordam em seus estudos a alfabetização como processo. Entre eles estão Ferreiro e Teberosky (1999); Soares (2020) e Weisz (2002). Entre os autores que pesquisam arte na educação, encontramos como referência, Derdyk (2015); Pillar (1988, 1996); Edwards, Gandini e Forman (Volumes 1 e 2 /2016). Como referência legal utilizamos o previsto na BNCC (2018) a partir do que estabelece a LDBN 9394/96, bem como os escritos de Gil (2010) para constituir a referência da metodologia escolhida. Não poderíamos deixar de mencionar os escritos de Meneghetti (2010a, 2010b, 2012, 2014 e 2018) bem como as vivências e material disponibilizado nas aulas das disciplinas de Arte e Educação, Educação Musical, Educação Corpo e Arte, Educação Inclusiva, Desenvolvimento neuropsicomotor e Processos de Alfabetização I e II entre o conjunto de componentes curriculares que constituem a matriz curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

A escolha desta linha metodológica se dá no intuito do que encontramos nos escritos de Gil (2010) e que apresentamos a seguir,

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador, a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (p.30)

Também se justifica a escolha pela metodologia apresentada neste trabalho, a possibilidade de acesso a materiais como livros e textos já trabalhados durante o curso ou direcionados a partir do próprio tema, disponíveis na *Humanitas* Biblioteca, bem como acervo pessoal da pesquisadora e da orientadora de pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É possível pensarmos numa espécie de parâmetro que compare ainda que subjetivamente, se, conforme o que encontramos nos escritos de Pillar (1996), os progressos na escrita estão relacionados com os progressos no desenho, e os sujeitos que estão nos níveis mais evoluídos no desenho são os mesmos que estão nos níveis mais evoluídos da escrita.

Geralmente, os desenhos são mais analisados a partir das intenções e das interpretações da criança, dentro de uma visão com características e detalhes importantes que identificam formas, variações, combinações, tanto na escrita quanto no desenho. Esse conjunto, possibilita uma certa exploração no repertório gráfico criado pela própria criança, transmitindo uma linguagem através do desenho, do traçado, pela linha e o seu grafismo.

Sobre essa perspectiva, encontramos em Weisz (2002), a seguinte afirmação:

(...) que foi propondo situações didáticas, provocando o aluno para que, cada um se deparasse com seus próprios limites e suas próprias teorias explicativas com uma interpretação consciente mas com ação de quem está aprendendo com a realidade ao qual o aluno pertence no seu dia a dia.

Para aprender a criança passa por processos, para isso o professor precisa criar situações específicas, onde as crianças façam coisas que ele possa perceber ações que eles transmitem através do que estão fazendo, produzindo. (p.27)

Este trabalho foi muito importante para mim, para compreender como a arte está presente na alfabetização, sua importância e que, através da criatividade, do desenho, da dança, do teatro, entendi que tudo faz parte da arte. Tudo é arte e tem uma grande ligação com a alfabetização.

O lúdico faz parte da prática e da teoria ao mesmo tempo, vivenciada pela criança, trazendo de casa, conhecimentos e aprendizagens de um jeito muito simples, se expressando através da forma que ela conhece. O que faz sentido para ela, da forma que acha certo, mesmo muitas vezes estando erradas, mas com muita insistência e imaginação ela também consegue se

comunicar através do desenho, do rabisco, de uma mancha que faz com as suas próprias mãos e tem um grande significado, ainda que temporário.

Sabemos que a alfabetização começa muito antes da criança ter acesso a escola. Ela aprende dentro do seu contexto familiar. Tudo é conhecimento, tudo é aprendizagem. O erro é parte do processo de aprendizagem, assim como a arte é um instrumento, um meio de comunicação e expressão.

A alfabetização é um processo onde o início se dá muito antes da criança começar na escola. A criança começa a ser alfabetizada no convívio familiar e no meio social, e continua na escola onde esse processo não termina quando o período escolar encerra cada nível de promoção. A aprendizagem continua sempre, as pessoas aprendem continuamente a partir das possibilidades de interação significativa com as diversas linguagens, entre elas a oral e escrita.

Encontramos em Ferreiro e Teberosky (1999, p.32) a referência ao desenvolvimento da aprendizagem quando afirmam que um sujeito intelectualmente ativo não é aquele que faz muitas coisas. É aquele que compara, exclui, ordena, comprova, reformula hipóteses e reorganiza o pensamento. É um sujeito que realiza materialmente algo, pois nenhuma aprendizagem tem um único ponto de partida. Para as autoras referidas, o próprio sujeito (aluno), deverá assimilar, o próprio ponto de partida de cada e toda sua aprendizagem porque é o próprio sujeito (aluno) quem o determina, definido através de esquemas e não conteúdos ensinados.

Para uma criança qualificar sua percepção que envolve também reconhecer as letras é preciso propostas variadas de interação com materiais diversos, atividades desafiadoras tendo entre essas: montagens, colagens, encaixes, pinturas com instrumentos e o próprio corpo, enfim ambientes onde estejam presentes elementos chamando atenção da criança, fazendo algum sentido para ela.

É através das interações com situações que envolvem a exploração da arte, como um todo, que a criança busca, investiga, resolve, reconstrói, acrescenta, transforma, redefine e se apropria percorrendo o próprio processo de aprendizagem.

Podemos, sim, construir uma compreensão através daquilo que a criança expressa, com emoção, sentimento, e criatividade.

A arte contribui com a interação para trazer à tona uma identidade própria com imaginação, deixando transparece-la.

A criança através da arte, entre outras formas de expressar suas percepções, revela em uma linguagem expressiva, tais aquisições. No mesmo tempo a arte é parte integradora da aprendizagem com perspectivas e expressões únicas de construção do conhecimento.

Partindo do entendimento que a Alfabetização é um processo onde se desenvolvem entre muitas habilidades, especificamente as de leitura e escrita, como se fosse uma construção de comunicação com seu meio, onde o objetivo principal é adquirir uma nova linguagem para realizar tal comunicação.

Ler e escrever por interações de arte é, neste processo, a forma específica de comunicar. Por que essa intenção não poderia ser através de uma imagem, usando papel, tinta, pincel, caneta, lápis, enfim, instrumentos específicos dentro de um contexto inclusivo de aprendizagem da língua escrita?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitando tudo o que foi apresentado, considero que esta pesquisa foi uma grande oportunidade de aprendizagem pois me auxiliou aprofundar a compreensão sobre a importância da arte no processo de alfabetização.

A arte é um caminho, um instrumento onde a criança desenvolve todos os seus sentidos: o toque, a sensação, a percepção, a visão, o olfato e o próprio corpo. As mediações do interno com o externo pode levar a criança a aprender a identificar a diferença entre um objeto do conhecimento, uma sensação e um toque.

O processo de alfabetização acontece a partir daquilo que faz sentido para criança, que traz consigo experiências e está aberta a novas aprendizagens que se darão em espaços diferenciados do ambiente escolar.

Com a realização deste trabalho, foi possível conhecer como uma aprendizagem, especificamente nos referindo ao processo de aquisição da linguagem escrita, pode ser qualificado e prazeroso pela interação em situações de exploração e expressão tendo como mediadoras as propostas de arte em todas as suas manifestações.

Foi possível identificar que uma mancha, um borrão, um traço feito pela criança é uma forma dela comunicar sua participação e interação com o que lhe rodeia. A partir do desenvolvimento dessas interações, as mesmas se qualificam e podem ultrapassar o período de descoberta de letras e números, seus sons e as mais variadas formas de representação. O que é intensificado desde a Educação Infantil não pode desaparecer no momento que a alfabetização propriamente dita se manifesta pela leitura e escrita da palavra que era somente oral, gestual, motora, entre outras formas artísticas de revelação.

Por fim, destacamos a importância de concordar com o que encontramos nos escritos de Ferreiro e Teberosky (1999), a partir da teoria psicogenética de Jean Piaget, quando essas afirmam que a diferença que separa as concepções condutistas da concepção piagetiana (p.34) é o que define o sucesso e o insucesso no processo alfabetizatório de cada criança. Cada uma delas precisaria construir *a partir* de si e não de *fora* para si. São as

ações de trato curricular que colocam o sujeito da aprendizagem como receptor de um conhecimento de fora para dentro, situado sobre os métodos, que deveriam contribuir na solução dos problemas de aprendizagem e evitar que o sistema escolar continue produzindo analfabetos.

As interações neste processo, se auxiliadas pelas interações com a arte em todas as suas expressões práticas, contribuiria de forma prazerosa com o desenvolvimento de uma aprendizagem mais próxima da compreensão e reflexão daquele que se propõe a alfabetizar-se e por isso, mais real.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 06 mar. 2021.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5ªed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância/ Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; tradução: Dayse Batista; revisão técnica: Maria Carmen Silveira Barbosa**. – Porto Alegre: Penso, 201 295 p. – v. 1, e v.2

FERRAZ, Maria Heloísa. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2018.

FERREIRO, E. TEBEROSKI, A. **Psicogênese da língua escrita; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso**. - Porto Alegre: Artmed, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Criatividade e sensibilidade estética** São João do Polêsine, RS: Fundação Antônio Meneghetti, 2018.

MENEGHETTI, Antônio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3.ed. Recanto do Maestro: Ed Universitária Ontopsicológica, 2014.

MENEGHETTI, Antônio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2ª ed Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antônio. **Manual de Ontopsicologia**. 4.ed. Recanto do Maestro: Ed Ontopsicológica, 2010.

MENEGHETTI, Antônio. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis Ontopsicologica Editrice, 2003.

PILLAR, Analice. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLAR, Analice. **Fazendo Artes na Alfabetização**. 3ª ed. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2020.